

# TERRA DA FÉ

Em Brasília, estão registradas 1074 religiões. Pelo menos uma delas tem apenas um fiel, mas há quem siga um xamã ou venere um garoto de oito meses. E os Aglutinados da Nota Sol crêem nos poderes de uma nota musical.

Luiz Alberto Weber  
Da equipe do Correio

**A** ENTRADA 52 DÁ PARA UMA ESCADA EM ESPIRAL QUE CORTA O VELHO EDIFÍCIO DE DOIS ANDARES. NEM TANTO PELA IDADE GEOLÓGICA DA CONSTRUÇÃO — MAS PELO ABANDONO — O PRÉDIO PARECE ESTAR ALI ANTES MESMO DA CIDADE.

As paredes estão infladas por bolhas de diferentes tamanhos. Em alguns pontos, o reboco se rompe e expõe o cimento, como se fossem pústulas de uma varíola cinzenta que vitimasse vigas e argamassa.

Os degraus de concreto têm ilhas esbranquiçadas provocadas por lavagens com água sanitária usada por um porteiro bissexto de nome Raimundo (o prédio não tem síndico e Raimundo de tal — como os sete moradores do lugar se lembram dele — aparece por lá quando seu anárquico relógio de ponto toca. Isso acontece a cada três ou quatro dias.)

Nada parece distinguir o Bloco G da mesmice da 710/711 Norte. O visitante eventual não percebe nesse cenário habitado por uma classe média decadente que a escadaria não é só passagem para os três apartamentos do segundo andar.

Mas Brasília tem passagens estranhas. Algumas levam à crenças que sobrevivem às escondidas, em quitinetes, sobre áreas comerciais. A Entrada 52 é uma dessas; é o átrio de um templo de uma religião com um único seguidor; a fé de um só homem. Coisas da capital e suas estranhas religiões.

Censo espiritual realizado pela Secretaria de Turismo aponta preliminarmente a existência no Distrito Federal de 1.074 variações de seitas e religiões. Número que inclui terreiros e centros espíritas, digamos logo.

Segundo o mesmo levantamento, há 269 templos religiosos na cidade; entre eles, 45 centros kardecistas, 42 pentecostais e 10 de inspiração oriental.

Há estranhezas ocultas na pesquisa. Um certo grupo chamado *Ovo Cósmico - Associação dos artesãos da Torre de TV* enviou no último 31 de março deste ano um fax pedindo a inclusão no cadastro religioso da secretaria.

O fax tem duas páginas. Na rubrica *Pensamento Síntese*, a doutrina do *Ovo Cósmico* é exposta: "As mãos dos artesãos são ferramentas Divinas que reproduzem a criação universal manifestando a vontade de Deus". Mas ninguém na Torre ouviu falar nesse omelete místico e muito menos oram por ele.

## A RELIGIÃO DE UM HOMEM SÓ

No apartamento 102 do Bloco G mora Ivan Werneck, último de quatro fiéis brasileiros dos *Cavaleiros de Maitreya - Ordem do Santo Graal*, seita que cultua a imagem do medieval Rei Arthur.

Alto, cabelos grisalhos sobre as têmporas e óculos de armação arredondada, Ivan veste bermudas jeans e camisa-pólo listrada para esperar a reportagem.

Postado junto a porta, Ivan exibe a cerimônia de um Moisés prestes a conduzir o estranho do corredor estreito e mortificamente iluminado até a catedral de sua fé soli-

André Corrêa



## O PEQUENO BUDA

JOÃO MARCELO, DE OITO MESES, VAI SE CHAMAR SHERAB ZANGPO, SEGUNDO O LAMA PASANG TEMBA SHERPA. FILHO DE UMA CATÓLICA NORDESTINA, ELE É O PRIMEIRO BRASILENSE A SER BATIZADO PELO BUDISMO TIBETANO

tária e condenada.

Na pequena sala (não mais de 12 metros quadrados), a estante de laca brilhosa serve de altar para seus símbolos religiosos — uma imagem de Rei Arthur, cristais amarelos e vermelhos e uma ornamentada espada prateada.

Um incenso queima sobre a mesa. Aliás, incensos e cristais estão em cada altar não cristão desta ci-

dade, embora poucos arrisquem dizer seu significado ou efeito.

"Sou o último aqui em Brasília. Há alguns de nós no interior paulista e quatro em Alto Paraíso, em Goiás", diz Ivan.

Os *Cavaleiros de Maitreya* apareceram pela cidade em 1994. Os primeiros encontros ocorreram na sobreloja de um escola de música na comercial da 115 Norte.

Os quatro fiéis se reuniam às 20 horas das quintas-feiras em volta de uma mesa redonda coberta com panos rosa e azul, cristais e violetas. Recitavam mantras (Decretos, na terminologia dos Cavaleiros) "pelo bem da humanidade".

No ano passado um cataclisma mundano se abateu sobre eles. O casal dono da escola de música se

separou e ambos abandonaram a fé. Ivan e a mulher também se largaram.

Funcionário do Banco do Brasil, 47 anos, ele espera a aposentadoria prevista para daqui a três anos para se mudar para Alto Paraíso. Até lá deverá ser, em Brasília, o fiel depositário da fé em Maitreya. A menos que os discos de Carlos Santana e a coleção dos Beatles,

que já estão muito próximos, ocupem todo o resto da estante.

## O SEGREDO DA PIRÂMIDE

Pode parecer estranho que um pedaço de conjugado seja a Basílica de São Pedro dos Cavaleiros. Mas há catedrais caseiras ainda mais curiosas nesta cidade.

Dois índios xavantes de short adidas vermelho e com os braços borrados de carvão já foram vistos cutucando-se dentro do ônibus e apontando pela janela do Circular a pirâmide da Companhia de Eletricidade de Brasília (CEB), no início da L2 Norte. Riram como se tivessem visto um baobá gordo.

Tivessem feito todo o percurso (não descendo próximo ao Hospital Universitário na 605 Norte), os índios gargalhariam mais uma vez: quando passassem pelo templo Rosa Cruz, um pouco mais adiante. E fariam um tour hilário se visitassem todas as pirâmides da arquitetura de Brasília.

Não há outra cidade no mundo que erga tantas pirâmides em nome de diferentes crenças — cinco ao todo (a ermida D. Bosco, e os templos da Igreja Messiânica e da Legião da Boa Vontade.)

No mais curiosos desses templos transplantados tem gente morando. Ana Maria Camargo Neves costuma falar que não vive só em sua pirâmide na QI 17 do Lago Sul. Ela não se refere ao marido, filhos ou cunhada, mas ao fantasma de um faraó (mentor, segundo ela) que também ocupa a mesma casa 7 do conjunto 15, projetada por Oscar Niemeyer a pedido do ex-ministro do Supremo Tribunal Federal Haroldo Cunha Melo.

A pirâmide do Lago Sul é um âmbar que congelou no planalto crenças em seres tão remotos para nós como Aton, deus egípcio do Sol.

O sol como símbolo não é novidade. Surpresa é saber da existência de um grupo, com dez adeptos, chamado de *Os Aglutinados da Nota Sol*. Não é bem uma religião, mas um séquito de esotéricos que tentam descobrir suas dimensões interiores e alcançar a paz através da vibração causada pela nota sol. Só!

## O MAGO DA FUSÃO NUCLEAR

Sol. Mantido aceso porque a milhares de graus centígrados o hidrogênio é transmutado em hélio, que se queima. Cláudio Capparelli sabe essa lição de cor.

Oficial da Marinha aposentado, Capparelli fez mestrado em Física Nuclear. Mas a natureza entrou em sua vida quando passou a estudar, em 1978, o xamanismo, religião tribal americana baseada na crença que os espíritos maus e bons são dirigidos pelos xamãs.

Durante uma das muitas viagens que fez à Chapada Diamantina, Capparelli conheceu a xamã americana Dona Talking Leaves, que ensinou-lhe os segredos das práticas indígenas cherokees.

Depois, Capparelli foi buscar no Havaí, Arizona, Colorado e Novo México a base para o trabalho que hoje arrasta onze seguidores fixos na Chácara Remanso, na DF 140.

Na chácara, a 100 metros da casa do mago, uma árvore cercada por pedras que seguem o sentido dos pontos cardeais é o templo a céu aberto de Capparelli e de seus aprendizes de feiticeiros.

Três vezes por ano, o xamã metete-se no mato com seus seguidores. "Passamos por experiências que buscam a compreensão total das forças da natureza". Que experiências? Geralmente as visões são motivadas por um jejum de dois dias.

## MANUSCRITO DE UMA FÉ MORTA

Encontrar Ivaldo Medeiros, um senhor de 72 anos, foi como ter tido acesso aos Manuscritos do Mar Morto. Ivaldo é o fundador em Brasília de uma fé já morta: o Suddha Dharma Mandalam, uma religião de inspiração hinduísta, que atingiu o ápice de adeptos na década de 70 (vinte e sete ao todo) e depois desapareceu.

A porta da sala 317 no Vênancio IV, no Conic, é o sítio arqueológico dessa crença hinduísta. Hoje a porta só é aberta aos domingos e quintas para meditações e algumas conversas. E lá ninguém conhece precisamente a origem do Suddha. Informações diziam tratar-se de uma crença que cultuava a lua. Para seus adeptos, o satélite governa os líquidos e tem influência sobre as emoções.

Na Lua Nova e Cheia, sabe-se que o grupo se reunia para exercitar, através de rituais, as emoções positivas. Mas esses rituais hoje se confundem com lendas que não sabemos ao certo se existiram.

Para encontrar alguém que falasse sobre as origens do Suddha na cidade foi necessário ir ao apartamento de Ivaldo, na Asa Sul.

Barba grisalha, óculos de grau tão alto que se percebe os círculos concêntricos, Ivaldo, um homem bastante culto, exibe um sorriso de canto de boca que sugere um certo deboche.

Casado com uma presbiteriana, ele fala do nascimento de sua fé. Em 1972, Ivaldo, então jornalista do *Correio Braziliense*, acompanhou a visita de um Swami (mestre hindu) à Brasília. Fez uma pequena e objetiva reportagem que saiu sem sua assinatura ou foto dos visitantes.

“Os princípios éticos de conduta e vida, que podemos seguir com certa flexibilidade, me entusiasmaram”. Quanto aos ritos, Ivaldo ri e diz: “fazíamos meditações. E só.” Hoje nem Ivaldo o segue.

Zuleika de Souza



## CRISTAIS COLORIDOS E INCENSO NO AR

Todas essas religiões vistas de longe se parecem. Faça uma aposta e ganhará: sempre se encontrará cristais coloridos sobre um altar improvisado e o ar saturado de incenso.

Assim quem chega à 705 Sul para acompanhar um culto do grupo *Ponte para a Luz* imagina ver mais do mesmo — incenso, cristais, panos coloridos e velas. E realmente havia disso lá.

A casa 10 é de um funcionário aposentado do Banco do Brasil. Entra-se pela garagem e na ante-sala percebe-se que é mais um lugar comum.

As prateleiras possuem coleções de enciclopédia, livros escolares e as obras completas de Machado de Assis, revestidos de uma dura capa de plástico.

Os livros há muito não são retirados de lá. Fotos de familiares tapam os títulos e a longa imobilidade dos exemplares os colou, formando um bloco inteiriço como aqueles enfeites falsos de madeira que simulam grandes bibliotecas.

O que surpreende na *Ponte* são os fiéis, não os apetrechos místicos ou o ambiente. Na sala de visitas da casa, que serve de nave para o culto, as cadeiras de base metálica acomodam um público diferente nas sessões de terças-feiras: cerca de trinta senhoras idosas, cabelos brancos, vestidos floridos e chales de lã. A *Ponte* é a fé da terceira-idade.

Tudo na casa é absolutamente tranquilo. Alda Junqueira, mulher de um coronel aposentado da Aeronáutica, deixa permanentemente no cassete a música *Pompa e Circunstância*, do compositor clássico inglês Elgar.

Alda é espinha dorsal da *Ponte*, fé que pretende desenvolver espiritualmente as pessoas e o mundo por meio do culto à luz violeta.

A casa de sua irmã, Marisa, é o espaço de meditação. Ambas editam livros e celebram os cultos — há sempre sete velas coloridas acesas —, espalham incenso pela sala e leem mensagens de esperança. Elas têm a força. De joelhos, o ex-delegado César Aded aponta com o dedo um ponto no mapa galático que veio encartado na revista *Superinteressante* colo-

## XAMÃ CHEROKEE

CLÁUDIO CAPARELLI, FÍSICO NUCLEAR, VIROU XAMÃ DEPOIS DE ESTUDAR A RELIGIÃO DOS ÍNDIOS CHEROKEES NOS ESTADOS UNIDOS E EMBRENHA-SE PELO MATO COM SEUS SEGUIDORES PARA PROCURAR A COMPREENSÃO DAS FORÇAS DA NATUREZA

cado sobre o carpete.

“A Terra está aqui, é um pequeno ponto deste vasto universo”, diz. “Não veneramos ninguém na Terra”, acrescenta César, presidente da *Ordem dos 49*, organização de caráter científico-religioso que, segundo ele, recebe mensagens de seres interplanetários.

A iniciação de César ocorreu há 14 anos meio por acaso. Ainda funcio-

nário da Secretaria de Segurança, Aded topou com uma propaganda da *Ordem* na revista *Planeta*.

“Naquela época eramos apenas 10 adeptos”, lembra ele. Hoje a *Ordem* de Brasília possui a maior concentração de fiéis dos interplanetários” entre as 12 cidades brasileiras onde tem sede. “Somos 30”, comemora

“Seu nome será *Sherab Zangpo*

(bondosa sabedoria)”, diz o Lama Pasang Temba Sherpa à mãe de João Marcelo, um garoto alourado de oito meses. As duas avós assistem mudas e retas na cadeira ao batizado celebrado numa manhã de sábado. São nordestinas e católicas.

Vestem saia à altura do joelho, blazer abotoado (parecem ter combinado o modelo embora as cores sejam

distintas) e mantêm as mãos imóveis sobre suas pernas.

As duas senhoras destoam do ambiente com fotos de Lamas orientais, tecidos com gravuras de deuses budistas pendurados na parede e do altar incensado. João Marcelo é o primeiro brasileiro a ser batizado no budismo tibetano. A mãe, Ledja Austrilino, ex-secretária de Ensino Fun-

damental do governo Fernando Collor não é budista.

Mas foi convencida por um amigo a batizar o filho. “O budismo dá uma paz muito grande. Mas não deixei de batizá-lo na Igreja Católica”, diz a mãe, dona de uma fé múltipla, como muitos outros da capital, que fazem de Brasília uma cidade com muitas e estranhas religiões.